



COORDINAMENTO LAICAL MAPRAES (CLM)

A dimensão profética do leigo passionista hoje

1. Introdução

Os fundamentos dos leigos Passionistas, logo nos seus números iniciais, deixam bem clara a relação que existe entre os três elementos chave do título/tema desta pequena reflexão que me foi proposta: profecia, leigos e carisma passionista.

Assim afirmam os dois primeiros números dos fundamentos dos leigos passionistas:

“O batismo imerge-nos na dinâmica Pascal da morte e ressurreição de Jesus e ao mesmo tempo consagra-nos membros do povo de Deus.

A Igreja reconheceu na vida de S. Paulo da Cruz a ação do Espírito Santo, ao aprovar a Congregação Passionista. Ao longo da história, o Senhor suscitou também um movimento de pessoas e grupos de leigos que com modalidades e experiências diferentes, compartilham de um chamamento específico para serem no mundo de hoje "memória" profética da paixão de Cristo.”

Destes números gostaria de referir as seguintes ideias:

- A importância do Batismo. É este sacramento da Iniciação Cristã que nos faz participar no Mistério Pascal de Cristo e nos concede o maior título de glória que existe, ou seja, o ser filhos de Deus.
- O carisma Passionista como um dom do Espírito Santo à Igreja, por intermédio de São Paulo da Cruz.
- A continuidade do Carisma Passionista ao longo dos tempos, não só através dos religiosos e religiosas passionistas, mas também através de grupos de leigos.
- A relação de mútua dependência entre memória e profecia, ou seja, a verdadeira memória da Paixão de Cristo é profética e a verdadeira profecia é memória da Paixão de Cristo. Digo verdadeira memória e verdadeira profecia, porque, não poucas vezes, aquilo que chamamos profecia outra coisa não é do que simples ação de uma ONG e aquilo que chamamos memória outra coisa não é do que simples pietismo.

2. A lição de Num 11, 25-29

Gostaria de começar a reflexão, propriamente dita, sobre o tema que me foi pedido citando um episódio do livro dos Números que pode iluminar a relação entre Religiosos e Leigos, no que toca ao Carisma Passionista e à sua dimensão profética.

Assim afirma o Livro dos Números:

“O SENHOR desceu na nuvem e falou-lhe; tomando do espírito que estava sobre ele, deu-o aos setenta anciãos. Quando o espírito repousou sobre eles, profetizaram; mas depois não o conseguiam. Dois desses homens tinham ficado no acampamento. O nome de um era Eldad e o nome do outro era Medad. O espírito desceu também sobre eles, porque estavam entre os inscritos, embora não tivessem ido para a tenda, e começaram a profetizar no acampamento. Um rapaz, porém, correu a anunciar isso a Moisés: ‘Eldad e Medad estão a profetizar no acampamento.’ Então Josué, filho de Nun, servo de Moisés desde a juventude, ripostou: ‘Moisés, meu senhor, não lho consintas.’ Respondeu-lhe Moisés: ‘Tens ciúmes por mim? Quem dera que todo o povo do SENHOR profetizasse, que o SENHOR enviasse o seu espírito sobre ele!’” (Nm 11, 25-29)

Depois de Moisés se ter lamentado a Deus da dificuldade que tinha em conduzir o povo rebelde em direção à terra prometida, Deus propôs-lhe escolher setenta anciãos que, depois de terem recebido a força do Espírito, o ajudassem na condução do povo. Moisés aceitou a proposta de Deus e os setenta anciãos escolhidos por Moisés receberam o dom do Espírito, uma parte do Espírito que repousava sobre Moisés, para o ajudarem na difícil tarefa da governação daquele povo rebelde. No entanto, esta história termina com algo inesperado. Na verdade, dois dos setenta escolhidos, Eldad e Medad, não estavam com os outros na Tenda quando receberam o Espírito, mas tinham ficado no acampamento. No entanto, também sobre estes dois desceu o Espírito e também eles começaram a profetizar. Josué, ao saber do sucedido, pediu que Moisés os proibisse pois isso era um abuso. No entanto, Moisés, o homem livre do desejo de poder e de monopólio e que só se preocupa com o bem do povo responde à indignação de Josué com o seguinte desabafo: “Estás com ciúmes por causa de mim? Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor infundisse o seu Espírito sobre Eles”.

Que atitude é mais frequente nos debates sobre a relação do Carisma da Paixão e os leigos e sobre a sua missão: o ciúme e o desejo de monopólio de Josué ou a abertura de Moisés à livre ação do Espírito Santo que sopra como quer e onde quer? Também neste debate a tentação do clericalismo está bem presente, quer nos clérigos quer nos leigos.

3. A dimensão profética de todos os batizados: LG 12

Para entender bem a dimensão profética de todo o Povo de Deus, leigos e hierarquia, devemos ler o número 12 da Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja do Concílio Vaticano II. Não nos podemos esquecer que o Capítulo II, em que se encontra o número 12, foi uma das verdadeiras revoluções copernianas do concílio Vaticano II.

“O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cfr. Hebr. 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo. 2, 20 e 27), não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, «desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis» (22), manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes. Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela ação do Espírito de verdade, o Povo de Deus, sob a direção do sagrado magistério que fielmente acata, já não recebe simples palavra de homens mas a verdadeira palavra de Deus (cfr. 1 Tess. 2,13), adere indefetivelmente à fé uma vez confiada aos santos (cfr. Jud. 3), penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida.

Além disso, este mesmo Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas «distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz» (1 Cor. 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: ; «a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum» (1 Cor. 12,7). Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Não se devem porém, pedir temerariamente, os dons extraordinários nem deles se devem esperar com presunção os frutos das obras apostólicas; e o juízo acerca da sua autenticidade e reto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom (cfr. 1 Tess. 5, 12. 19-21).” (LG 12)

Deste intenso número gostaria de ressaltar as seguintes ideias:

- Todo o povo de Deus, ou seja, todos os Batizados, clérigos e leigos, participam na dimensão profética de Cristo.
- Esta dimensão profética é realizada através do testemunho da vida de fé e de caridade e do sacrifício do louvor.
- A afirmação do sentido da fé (*sensus fidei*) de todos os batizados e da impossibilidade da totalidade dos fiéis se enganarem nas verdades de fé e de costumes, devia levar-nos a uma maior apreciação dos contributos dos leigos. Será que a hierarquia em geral e os responsáveis da Congregação Passionista, em particular,

prestam atenção à explicitação da verdade da fé e do carisma Passionista oferecida pelos leigos? Será que os leigos oferecem o seu contributo ou vivem na simples passividade?

- O papel importante do magistério na garantia da verdade, ou seja, entre magistério e leigos não há concorrência, mas cooperação. Se os leigos ajudam na explicitação da verdade da fé e dos costumes, o magistério atesta a veracidade destas apertações. Na verdade, não há nem pode haver concorrência entre magistério e leigos, entre carisma e instituição pois ambos nascem do mesmo Espírito. Não há concorrência, mas cooperação.
- Não deixa de ser significativo que na abordagem conciliar da dimensão profética do Povo de Deus se aborde também o tema dos carismas. Podemos afirmar, no nosso caso concreto de Leigos Passionistas, que é na medida em que vivemos o carisma da Paixão, dado por Deus à Igreja por meio de Paulo da Cruz, que somos verdadeiramente profetas.

4. As características dos profetas Bíblicos

Mas como podemos ser profetas? Torna-se necessária uma reflexão sobre as características dos profetas bíblicos.

“Há características peculiares no que toca aos profetas bíblicos, a saber:

A sua vocação, que se deve entender como um ‘mandato’, recebido ou imposto por Deus em benefício do povo;

O seu monoteísmo, mediante o qual, enfatizam a transcendência divina e, pelo outro, a presença constante e gratuita de Deus na história humana;

Uma grande solicitude para com o homem que faz deles mediadores entre Deus e o povo, a ponto de assumirem o pecado do seu povo e de participarem no seu castigo;

O apelo constante à Aliança, para que o homem, na sua relação com Deus, não volte a cair na idolatria ou na hipocrisia, perdendo assim o vínculo autêntico que o faz viver;

Um forte sentido de justiça social, sem temor de denunciar abertamente até mesmo os mais altos líderes políticos e religiosos do seu tempo.” (Giacomo Perego)

Assim sendo, as características dos profetas bíblicos e da dimensão profética dos batizados são:

- A sua vocação é um dom de Deus em benefício do seu povo;
- Enfatizam a transcendência de Deus e a sua presença na história humana;
- Uma grande solicitude para com o homem que os tornam mediadores entre Deus e o povo;
- O apelo constante à aliança;
- Um forte sentido de justiça social.

De uma forma simples e concisa, podemos afirmar que os profetas são os homens da fidelidade: fiéis a Deus e à humanidade, fiéis ao futuro e ao presente.

5. A dimensão profética dos Leigos Passionistas à luz dos fundamentos da sua vida

As características dos profetas bíblicos supracitadas estão bem patentes nos números 5 a 7 dos fundamentos da vida dos leigos Passionistas.

“5. Esta pertença é um dom e por este dom, feito experiência concreta de vida, os Leigos da Família Passionista, reconhecem-se, filhos espirituais de São Paulo da Cruz, pessoas chamadas a:

- fazer memória da Paixão de Jesus, o único remédio para todos os males do mundo;
- encarnar e anunciar através de um estilo de vida sóbrio e solidário, a palavra da cruz no mundo secular;
- a dedicar-se ao amor ao próximo, especialmente aos "crucificados" e ao serviço da igreja.;
- a evangelizar a cultura a partir da cultura

6. Queremos responder ao chamamento pessoal do Pai para seguir Cristo Crucificado:

- fazendo do Evangelho de Cristo, a regra e o critério da nossa vida;
- vivendo com alegria a paternidade espiritual de São Paulo da Cruz, comprometendo-nos a conhecer a sua vida e escritos.

7. Somos impulsionados pela caridade de Cristo:

- a experimentar em nós mesmos e nos outros a sua Paixão que continua ainda hoje;
- a participar das alegrias e tribulações da humanidade, e a ser presença viva de esperança, consolação e salvação para todos os homens.
- A remover em nós e nos lugares onde vivemos, as causas dos males que nos afligem.
- a viver segundo o estado de cada um, onde o Senhor nos colocou, para amar-nos como Jesus nos amou;
- a participar no espírito missionário Passionista, tornando-nos testemunhas da nova evangelização." (Os fundamentos da vida dos Leigos Passionistas)

6. O perigo/a tentação real de não sermos profetas

Se formos profetas seremos sal e luz do mundo. (Cf. Mt 5, 13-14) No entanto, Jesus também deixa bem claro que, mesmo no meio dos nossos esforços, o sal pode perder a sua força e aí a nossa presença no mundo será inóspita e estéril. Quando é que o sal perde a sua força? O padre Ermes Ronchi elenca cinco formas onde não somos sal do mundo.

- Quando nós, homens de Deus, chamamos a atenção para nós mesmos e não para Deus. Será que "nas nossas longuíssimas 'ordens do dia' haverá ainda espaço para Ele?" (Ronchi) Não nos esqueçamos que "o anunciador deve fazer-se infinitamente pequeno, só assim é que o anúncio será infinitamente grande." (Giovanni Vannucci)
- Quando não queremos bem às pessoas e não transmitimos amor. Com efeito, "se não comunico amor a quem me encontra, não contribuo para que a sua vida seja melhor" (Ronchi), não estou a ser um bom evangelizador.
- Quando não comunicamos a esperança e a liberdade. O nosso anúncio e a nossa ação devem ser fontes de liberdade, esperança e alegria. Nunca nos esqueçamos que "o evangelho não é uma moral, mas uma libertação tremenda." (Pe. Giovanni Vannucci)
- Quando, no nosso agir, não nos distinguimos dos outros, esmagados pelo sistema do mundo. É a diferença cristã. Não somos mais do mesmo, somos diferentes. "Existem dois mundos, nós somos do outro" (Cristina Campos). "Não basta ser crentes, devemos ser credíveis (Rosario Livatino). "Temos um poder tremendo: o de fazer não credível o nosso anúncio, vivendo uma vida apagada e insípida." (Ronchi)

- Quando desistimos de ser homens, porque não tivemos um crescimento de humanidade. Com efeito, o anúncio do evangelho traz consigo um crescimento em humanidade. O divino e o humano não se contrapõem, mas complementam-se. “Não nos interessa um divino que não faça desabrochar o humano.” (Dietrich Bonhoeffer) “Não é como me falas de Deus, mas como me fala das coisas da vida, que eu compreendo se uma pessoa segue a Deus.” (Simone Weil)

7. Conclusão: As três leis do educador/do profeta

Gostaria de terminar esta meditação sobre a dimensão profética dos Leigos Passionistas, com um trecho do testamento espiritual de um padre operário da diocese de Milão de nome Cesare Sommariva. Assim escreveu este sacerdote italiano: “Em conclusão de tudo, podemos enunciar as três leis do educador humano: não ter medo, não meter medo, libertar do medo. Aquilo que conta é uma relação nova, na qual não possa haver nada que ver com o medo.”

Não ter medo → Muitas vezes somos escravos do medo e as máscaras que usamos são prova disso mesmo. “Máscaras, que são um sinal para nós de que não somos livres. E não somos livres porque temos medo. Medo dos juízos” (Ronchi) Quantas vezes reconhecemo-nos nesta lamentação: “A minha morte foi o vosso juízo ... a minha morte foi nunca mais me atrever a falar por medo de falar mal; nunca mais me atrever a contar os meus sonhos por medo do ridículo; nunca mais me atrever a tomar a iniciativa por medo de ser criticado; nunca mais assumir compromissos, porque de qualquer modo, seria certamente incapaz ... A vida que havia em mim não interessava a ninguém. Vós condenastes-me a estar doente, transportado na maca do pensamento: uma existência de parálítico ...” (Daniel Marguerat, *Viver com la morte*) Não nos esqueçamos que “a verdadeira morte não é o termo da vida, mas aquilo que, desde o princípio impede de nascer.” (António Couto) Não tenhamos medo de Deus. Na verdade, “não é a perfeição que Ele procura em mim, mas a autenticidade. Não me vou esgotar para ser perfeito, mas para ser verdadeiro e não hipócrita, isso sim. Não estamos no mundo para ser imaculados, mas para ser encaminhados.” (Ronchi)

Não meter medo → Infelizmente, o medo foi uma das estratégias da pastoral evangelizadora e missionária. “Durante um período demasiado longo a Igreja transmitiu uma fé empastada de medo, que se movia sempre à volta do paradigma culpa/castigo, em vez de exprimir primavera e plenitude [...] O medo nasceu em Adão, que nunca soube, nem sequer imaginou, o que era a misericórdia e o seu fruto que é a alegria: do céu, do pastor, do pai bom, da mulher que encontra a moeda perdida.” (Ronchi)

Não podemos esquecer a seguinte exortação de Santo Ambrósio “Onde houver misericórdia, aí está Deus; onde houver rigor e severidade, talvez isso seja dos ministros de Deus, mas de Deus é que não é.” (Santo Ambrósio) A misericórdia deve ser o estilo do evangelizador!

Libertar do medo → De todos os medos, mas especialmente do medo de Deus. Com efeito, “errar acerca de Deus é a pior coisa que nos pode acontecer, porque a seguir erramos com tudo, com a história, com o homem, connosco mesmos, acerca do bem e do mal, acerca da vida” (David Maria Turoldo)

Se esta é a lei de todo o educador humano, deve ser também a pedagogia da dimensão profética dos Leigos Passionistas. Na verdade, como nos recorda S. João, “no amor não há temor; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o temor; de facto, o temor pressupõe castigo, e quem teme não é perfeito no amor.” (1 Jo 4, 18) Uma Igreja que professa a sua fé no Deus amor, é uma Igreja isenta do medo. A missão profética do Leigo Passionista é expulsar o temor e não criar medos! Na verdade, somos profetas, mas não profetas da desgraça!

Nuno Ventura, cp